

# CADERNOS

# DO

# ECB 8



Número 8/junho de 2015  
Externato Cooperativo da Benedita

## FICHA TÉCNICA

Diretora  
Inês Silva

Diretor Executivo  
Nuno Rosa

Revisão  
Zita Nogueira  
Lucília Borges

Secretariado  
Lucília Borges

Capa  
Fernanda Baptista

Paginação, arranjo informático, publicação online  
Paulo Valentim

**Instituto Nossa Senhora da Encarnação  
Externato Cooperativo da Benedita**

Rua Cooperativa de Ensino  
Apartado 197  
2475- 901 Benedita

Telefone: 262 925 180  
Fax: 262 925 185  
ecb@inse.pt  
<http://ecb.inse.pt>  
ISBN:978-989-95412

## SUMÁRIO

Inês Silva [Diretora dos Cadernos do ECB]

**Editorial** 7

Marcelo Rebelo de Sousa [Professor Catedrático na Faculdade de Direito na Universidade de Lisboa]

**Cinco muito breves reflexões** 9

Isabel Damasceno [Presidente da Câmara Municipal de Leiria de Janeiro de 1998 a Outubro de 2009/Vogal executiva do programa operacional do Centro - Centro 2020]

**Contributo do Externato Cooperativo da Benedita para o desenvolvimento** 11

Maria da Conceição Raimundo [Professora de Economia do Externato Cooperativo da Benedita]

**50 anos de Vida – 50 anos de Vidas** 15

Maria José Guerra [Professora de Inglês/Alemão do Externato Cooperativo da Benedita]

**Hoje estive a contar o tempo** 21

Inês Silva [Vereadora da Educação da Câmara Municipal de Alcobaça]

**Ensino da língua – o eterno desafio** 23

José Luís de Carvalho Lalandia Ribeiro [Ex-Professora de Matemática do Externato Cooperativo da Benedita]

**A importância do ECB: uma perspetiva** 27

Pedro Rui Ramalho Constantino [Aluno do 1ºano de Engenharia Biomédica, ex-aluno do ECB]

**Cunabula** 31

Jorge Pereira de Sampaio [Doutor em História com especialização em Cerâmica Portuguesa]

**Cerâmica no concelho de Alcobaça, atividade de eleição** 35

José Cavadas [Professor de Biologia de Externato Cooperativo da Benedita]

**Xadrez ( na Benedita) no Externato Cooperativo Benedita uma referência Nacional** 41

Deolinda Castelhana [Professora de Filosofia do Externato Cooperativo da Benedita]

**Improvisos sobre o legado cisterciense e a fundação do ECB ou a tautológica evidência de que somos nós e a nossa circunstância** 49



## EDITORIAL

Inês Silva  
[Diretora]

Em ano de comemorações do cinquentenário do Externato Cooperativo da Benedita, os *Cadernos do ECB* associam-se a elas, presenteando os seus leitores com artigos referentes à obra da Instituição. Isabel Damasceno reconhece, no seu artigo, o “extraordinário trabalho” do Externato no desenvolvimento da Benedita, Maria José Guerra enaltece a modernidade da escola, “com condições invejáveis para muitas outras”, e Deolinda Castelhana refere-se à herança “cisterciense”, deixada pelos monges, que, “movidos por uma inelutável determinação”, dotam os seus descendentes das terras mais a sul, nos limites dos coutos, de capacidades de reinvenção “no artesanato, no comércio, na pecuária, e (quem diria?)... no ensino”.

Na verdade, estas e outras vozes enaltecedoras do papel do Externato Cooperativo da Benedita no ensino e no desen-

volvimento de um território que soube ser corajoso e empreendedor desde o início ganham destaque nesta edição dos *Cadernos do ECB*, introduzidas por cinco “muito breves” reflexões sobre educação, da autoria do Professor Marcelo Rebelo de Sousa, que muito honram este número. Não se julgue que a sua brevidade compromete a sua profundidade. Basta a leitura da primeira para o comprovar.

Nesta edição celebrativa, abordam-se ainda temas diversos que se integram em diferentes áreas do saber, como o desenvolvimento económico da região ou o impacto cultural e desportivo de atividades promovidas na vila da Benedita e no concelho e Alcobaça, território rico em cultura(s) e educação, onde se *pode ser aquilo que se quer ser!*



## CINCO MUITO BREVES REFLEXÕES

Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa

1. A educação começa antes ainda do nosso nascimento. Tem a ver com o contexto familiar, local, social em que nascemos. Não que isso seja, sempre e necessariamente, determinante no que viremos a ser. Mas deve estar presente nos que pensam as políticas educativas. Não pode ser pura e simplesmente ignorado.

2. A educação é um processo que dura até à nossa morte. Até lá, somos, todos, educados e educamos. Circunscrever a educação a uma fase, mais ou menos longa, mas limitada, da vida é empobrecê-la, nomeadamente identificando-a com ensino na escola ou, antes e durante isso, com formação familiar.

3. A educação é um processo pluriunívoco ou pluripolar. Não é como nunca foi de sentido único. Como não é e nunca foi apenas biunívoca ou bipolar. Envolve, em simultâneo, um conjunto diversificado de atores ou agentes educativos. Mesmo na escola, educam os professores, que são educados pelos alunos - no sentido de que apreendem novas realidades ou novas formas de exprimir realidades antigas. Mas,

esse processo envolve, ao mesmo tempo, vários professores e alunos, e ainda outros membros da comunidade educativa - família, pessoal não docente, nalguns casos autarcas ou representantes das forças vivas da sociedade civil.

4. A educação abarca sempre a transmissão de valores. Não se resume à comunicação de factos, situações, ideias, sentimentos, decisões. Implica sempre juízos valorativos. E, por isso, tem de saber compatibilizar as pré-compreensões axiológicas de cada qual-devidamente anunciadas para que se não gerem equívocos e o respeito pela liberdade de escolha dos interlocutores. Esta compatibilização é tanto mais fácil quanto maior for a paridade entre os educadores-educados e a sua liberdade de afirmação. E, ao invés, mais difícil quando a disparidade entre eles é patente ou se está perante alguém, pela sua idade ou circunstância, mais dependente de outrém ou mais sujeito ao seu poder, designadamente de influência.

5. Os agentes educativos têm mudado de feição e de poder de influência ao lon-

go dos tempos. E essa mudança tende a acelerar no futuro. Por exemplo em Portugal, onde pesavam mais família ampla, Igreja Católica, escola básica, pesam hoje mais - em termos quantitativos, pelo menos, televisão e internet, e só depois escola, família, grupos muito diferenciados de inserção. A exata noção desta mudança é crucial para que cada agente, e em particular família e escola, tenham sempre presente os demais fatores, para os potenciarem ou contrabalançarem, se possível e desejável. Isto torna a educação destes dias muito mais complexa e exigente do que era a de anos ou décadas atrás. É mais difícil ser-se pai, avô ou professor hoje. Como é ser-se filho ou neto ou aluno.

Mais estimulante mas muito mais difícil.

Nisso reside, também, o desafio para essa grande aventura da educação.

## O CONTRIBUTO DO EXTERNATO COOPERATIVO DA BENEDITA PARA O DESENVOLVIMENTO

Isabel Damasceno

Presidente da Câmara Municipal de Leiria de Janeiro de 1998 a Outubro de 2009  
Vogal executiva do programa operacional do Centro - Centro 2020

Solicitou-me a Diretora dos Cadernos do Externato Cooperativo da Benedita um texto para incluir na edição especial desta publicação, integrada na comemoração dos 50 anos da Instituição.

Perante o pedido, senti um misto de admiração e de orgulho. Admiração pelo facto de, não sendo especialista em Educação, ter dúvidas sobre a mais-valia do meu contributo para o objetivo dos *Cadernos*. Orgulho por me poder associar desta forma às comemorações de tão prestigiada Instituição educativa.

Refletindo sobre as razões para o convite, concluí, não sei se acertadamente que, uma delas, estará ligada ao facto do meu falecido pai ter sido um grande admirador confesso da obra do Externato. Desde sempre lhe ouvi elogios, à sua criação e ao trabalho lá desenvolvido. Tendo sido ele igualmente um amigo da Benedita, considero que este meu registo poderá ser também uma homenagem à sua ligação à Benedita, às suas gentes e instituições.

Pode-se assim perceber o orgulho por mim sentido...

Feita a explicação da minha presença neste contexto, passarei a expor alguns pensamentos sobre o tema da Educação

terminando este breve testemunho com algumas palavras sobre o Externato Cooperativo da Benedita.

A Educação é um direito fundamental que ajuda não só ao desenvolvimento de um país, mas também de cada indivíduo. Através da Educação é garantido o nosso desenvolvimento social, económico e cultural.

Uma boa Educação melhora a economia de um país. “Quando olhamos para trás e comparamos o desempenho económico de 50 países e um grande número de variáveis, o que salta aos olhos é o poder da Educação” disse o Nobel da Economia e professor de Nova York, Paul Romer.

Os países que priorizaram o ensino de qualidade nas últimas décadas (ex. Coreia do Sul) registaram um crescimento económico acima da média.

Um relatório da Unesco mostrou que, cada ano adicional de escolaridade, aumenta a média anual do PIB de qualquer país em 0,37%.

Com melhores empregos e maior rendimento, os indivíduos podem consumir mais e dependem menos de políticas públicas contra a pobreza. O aumento da taxa de

emprego e do consumo traduz-se em mais impostos coletados pelos Governos o que resulta em melhoria das condições sociais dos cidadãos.

Outros relatórios analisados dizem-nos que, se todos os estudantes em países de baixos rendimentos, deixassem a escola, sabendo ler, 71 milhões de pessoas poderiam sair da pobreza.

Uma mãe que tenha tido acesso à Educação de qualidade tem mais condições de cuidar dos seus filhos, pois é mais sensível à importância da prevenção, da vacinação e de hábitos de higiene além de saber como procurar tratamento quando necessário.

Um relatório da Unesco demonstrou que uma criança cuja mãe saiba ler tem 50% mais hipóteses de sobreviver depois dos 5 anos de idade.

A Educação contribui igualmente para a construção de sociedades menos violentas, pois ajuda a superar a intolerância, promovendo o respeito pelos Direitos Humanos e liberdades fundamentais.

A Educação tem igualmente influência na qualidade de vida, pois torna os cidadãos mais conscientes dos impactos das suas atividades na natureza, ajudando a preservar o meio ambiente, sensibilizando-os para a importância de decisões sustentáveis, que satisfaçam as necessidades presentes sem prejudicar as gerações futuras.

A Educação também contribui para que a sociedade cumpra os seus deveres cívicos, além de tornar os cidadãos mais críticos e conscientes dos seus Direitos.

Podemos pois concluir que uma boa Educação contribui para o crescimento económico de um país, de um região ou de uma localidade, para a promoção da igualdade social e o seu impacto é igualmente decisivo para a vida de cada um. A Educação ajuda a combater a pobreza e capacita as pessoas com o conhecimento, as competências e a confiança que precisam para construir um futuro melhor.

Todas estas constatações são para todos nós, uma evidência, na atualidade.

O que é realmente digno de realce é, como foi possível há 50 anos atrás, num país atrasado, numa localidade predominantemente agrícola, ter surgido um projeto educativo tão importante como foi a fundação do Externato Cooperativo da Benedita.

Aconteceu porque houve gente com visão, que viu para além do tempo, que percebeu que não havia qualquer hipótese de transformação do seu mundo senão preparasse as suas crianças e jovens para o futuro.

Neste contexto, não posso deixar de aqui lembrar o Dr. Gonçalves Sapinho. Um homem de princípios, de valores, de convicções, de verdadeiro serviço às causas públicas, sem o qual, tenho a certeza, este projeto não teria tido o sucesso que alcançou. Apesar de ao longo da sua vida ter abraçado outras causas igualmente nobres, no seu coração estava sempre o “seu” Externato. O seu exemplo de vida foi e deverá continuar a estar sempre presente na formação dos jovens do Externato

bem como na vida de todos nós.

Estou convicta que o desenvolvimento da Benedita, que é hoje uma freguesia pujante e exemplar, só foi possível graças à existência do Externato e do seu extraordinário trabalho.

Realço igualmente a dinâmica adaptativa do Externato à realidade que o rodeia, tendo tido ao longo destes 50 anos uma enorme ligação à comunidade, recebendo e induzindo saber e dinâmica inovadora em todo o meio social e económico.

Felicito o Externato Cooperativo da Benedita pelos seus 50 anos e desejo, ao seu corpo docente e não docente, aos seus alunos presentes e futuros votos de muitos sucessos e que, no seu conjunto, continuem a ser um exemplo do qual a região muito se orgulha.



## 50 ANOS DE VIDA – 50 ANOS DE VIDAS

Conceição Raimundo

Professora de Economia do Externato Cooperativo da Benedita

*“Deixem-nos pegar nos nossos livros e canetas porque estas são as nossas armas mais poderosas. Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo”.*

Malala Yousafzai

### O que fazem

Engenharia Mecânica, Matemática, Som e Imagem, Gestão Turística e Hotelaria, Estatística e Gestão de Informação, Medicina, Direito, Engenharia de energia e ambiente, Gestão de empresas, Ciências Farmacêuticas, Animação Sociocultural e Educação Comunitária, Comunicação Social, Serviço Social, Investigação Biomédica – Neurobiologia, Línguas e Literaturas Modernas, Educação e Comunicação Multimédia, Finanças, Terapia da Fala, Multimédia, Línguas e Culturas Orientais, Fisioterapia, Engenharia Informática, Psicologia Química, Contabilidade e Gestão, Ciências da Educação, Engenharia Alimentar, Engenharia Civil, Tecnologias Informação Empresarial, Economia, Educação Básica, Ilustração Gráfica, Jornalismo, Curso de Barman e Curso de Técnico de Vendas,

Biologia, Educação de Infância, Design de Moda e Têxtil, Ciências Biomédicas, Enfermagem, Ciências do Desporto, Aplicações Informáticas de Gestão, Optometria e Ciências da Visão, Técnico de Apoio à Infância, Técnicas de Gestão Comercial e Vendas, Eng. Biomédica e Biofísica, Gestão Bancária, Engenharia Eletrotécnica e de Computadores, Medicina Dentária, Arquitetura, Design, Ciências da Educação / Educação Especial, Curso Tecnológico de Administração, Eng. Mecânica - Aerodinâmica e Termodinâmica, Desenho Têxtil e Belas artes, Matemática Aplicada à Economia e à Gestão, Filosofia, Ciências Militares Aeronáuticas - Eng. Eletrotécnica e de Computadores, Cardiopneumologia, Administração, Desporto, Sociologia, Turismo, Engenharia Florestal, Marketing, Contabilidade e administração, Medicina Tradicional Chinesa, Ciências Religiosas,

Cinema, Engenharia Biomédica, Técnico de Museografia de Gestão do Património, Engenharia Mecatrónica, Técnico de Termalismo, Logística em Emergência, Relações Humanas e Comunicação Organizacional,... etc., etc., etc.

### **Onde**

Na Benedita, claro. Em Turquel, em Santa Catarina, em Alcobaça, em Caldas da Rainha, em Lisboa, em Leiria, no Algarve, em França, em Inglaterra, nos Estados Unidos da América, no Canadá, na Austrália, um pouco por todo o mundo.

Alguns nunca foram para muito longe, alguns vão e voltam, alguns partiram e não pensam voltar.

### **Os alunos**

Expectantes, ansiosos, estudiosos, “baldas”, alegres, tristonhos, ambiciosos, calados, faladores, excitados, indiferentes, impassíveis, com mimo, com mimo a mais, sem mimo suficiente, com problemas em casa, com famílias equilibradas, com famílias disfuncionais, saudáveis, com doenças difíceis, ambiciosos, com o futuro desenhado, cheios de esperanças, sem esperança nenhuma, os que querem manter-se crianças e os que já são “grandes”, os que amam a escola, os que detestam a escola, os que se concentram, os que “estão sempre na lua”, os que fazem os trabalhos todos, os que não fazem trabalhos, os bem-comportados, os malcomportados, os bem-comportados que secretamente

invejam os malcomportados, os malcomportados que gostavam de se portar bem, os “graxistas” e os esquivos, os que são amigos de toda a gente, os que se resguardam pelos cantos, os que escrevem mensagens no telemóvel, os que saem corados dos testes, os que escrevem tudo nas respostas e os que escrevem o “teste telegrama”, os que conquistam as notas e os que pensam que os professores não veem nada, os que têm iniciativa e os que esperam que aconteça.

A escola é para todos. A escola é de todos.

### **Os professores**

Os primeiros, os que já saíram, os que já partiram, os que estão, os que estarão.

Os motivados, os alegres, os cétricos, os insatisfeitos, os esforçados, os “faz tudo”, os concentrados, os determinados, os sempre a aprender, os que já sabem tudo, os otimistas e os pessimistas, os que “no meu tempo é que era bom”, os adaptáveis, os conservadores, os experimentalistas, os que amam todos os alunos, os “sempre em projeto”, os que se enervam, os que estão sempre calmos, os que todos os dias afirmam que está tudo perdido, os que acreditam nos trabalhos de casa e os que acreditam no trabalho de aula, os da “profissão sacerdócio”, os profissionais e os “part-timers”, os fanáticos da planificação e os que arriscam, os do Excel e os que não gostam de números, os dos critérios à risca, os distraídos, os informados, os do Moodle, os “amigos” dos alunos, os

que mantêm a distância, os compreensivos e os amantes do rigor.

Todos, mesmo todos, apreciam o privilégio de viver com os jovens e sentem um imenso orgulho no seu sucesso.

### **Os funcionários**

Apoio nos intervalos, ombro e confiança, ralhete, pensinho e palavra amiga, vigilantes, preocupados, chocados, por vezes cúmplices, cuidadosos, entre a ordem e a compreensão.

### **Os amigos da escola**

Os antigos alunos, as instituições locais e nacionais, os parceiros nos projetos e nos estágios, os empregadores, os que apoiam sempre, os críticos, os que não entendem, os que fazem uma conferência e prometem voltar, os que estão sempre disponíveis, os que nos visitam e os que visitamos.

### **Os fundadores**

A visão, o mérito de antever a evolução e definir as necessidades, a coragem de empreender em contexto desfavorável, a generosidade, a capacidade de conciliar vontades.

### **Contexto e resultados**

Quando se pretende avaliar os efeitos de um investimento material, tem-se à disposição um leque de indicadores quanti-

tativos que permitem medir o aumento da produção, da produtividade, das vendas, do emprego gerado, entre outros. Medem-se com relativa facilidade os efeitos indiretos sobre o conjunto da economia, as exportações ou a procura interna, sobre os impostos pagos ao Governo ou à Autarquia.

Perante um investimento imaterial em educação ou cultura, embora podendo construir indicadores sobre os efeitos, como o bem-estar social, a felicidade, a saúde e a esperança de vida, o aumento da produção ou a tecnologia criada e utilizada, por exemplo, o cálculo dos efeitos é mais subjetivo e, por isso, mais discutível e menos evidente. Torna-se muito fácil desvalorizar os efeitos da Escola na Sociedade.

Sendo conhecidos estudos que calculam em 5% a variação do PIB de um país quando a população adquire, em média, mais um ano de escolaridade, sendo estudados casos de países cujo desenvolvimento acelerado se atribui a um súbito e intensivo investimento em ensino, continua, no entanto, a ser fácil contestar o valor objetivo da escola para o progresso social e económico. É fácil acreditar que a escola da vida ensina o que é de facto preciso e que a escola é teórica e não ensina a fazer nada do que é de facto importante. Este tipo de afirmações são feitas ou deixadas a pairar por quem não nota que hoje vivemos até para além dos oitenta anos contra os sessenta e sete em 1970, que dispomos de Medicina impensável há dez ou vinte anos, que o homem foi à Lua

e enviou sondas a Marte, que comunicamos em frações de segundo com o outro lado do mundo, por voz, por escrito ou por imagem. Não foi certamente a escola da vida que ensinou estas capacidades e fez estas descobertas, foi a ciência, e essa aprende-se na Escola.

Diz-se, ainda, e felizmente cada vez menos, “teórico” como se diz “sacrifício”, “matemática” como se “inútil”, “filosofia” como se o pensamento crítico fosse um absurdo, “história” como se o conhecimento do passado não fosse a única maneira fiável de saber quem somos e para onde vamos, “inglês” como se a comunicação fosse feita dentro das fronteiras e não para todo o mundo.

Tal não é de estranhar. Em Portugal, o papel da escola foi sempre alvo de alguma desconsideração. Tido como necessário apenas para as elites, ainda há pouco mais de cinquenta anos o poder político considerava que a escola se destinava a ensinar às crianças apenas o que, na educação dos filhos, os pais não conseguiam ensinar. Sendo a população maioritariamente analfabeta, não sabiam “ensinar os filhos a ler, escrever e contar”. Reservava-se para a escola um outro papel, também difícil de confiar à família, a necessária inculcação política dos valores do regime.

Estas considerações bastariam para tornar notável a fundação, a ideia, do Externato. No ambiente do Portugal dos anos sessenta, com um governo perene e hesitante entre a inevitabilidade do progresso e o medo daquilo a que hoje chamaríamos o “empowerment” da população através da

escola, ousar pensar, conceber, criar e lutar por uma escola independentemente da vontade do poder político, decidir em vez de esperar pela autorização, ousar uma solução fora do círculo quase obrigatório do “pedido obediente e agradecido”, constitui uma ousadia e uma liberdade de pensamento quase inacreditável.

Se pensarmos na forma adotada, o espanto não pode senão aumentar. Em vez do colégio particular, tão em voga na época para resolver o *deficit* da oferta de escola pública, na Benedita optou-se pela constituição de uma cooperativa. As cooperativas nunca foram muito bem vistas pelo Estado Novo (salvo, talvez, no setor agrícola e associadas corporativamente ao estado através dos Grémios da Lavoura). Aliás, as cooperativas são geralmente encaradas no pensamento económico como pouco fiáveis, organizações com problemas de gestão, de continuidade, em suma, de sucesso. Comemorar os cinquenta anos desta escola é, em si mesmo, e esse fator bastaria, uma improbabilidade lógica.

Em democracia, todas as condições mudaram. No sistema político, sociologicamente e na política educativa. Portugal tem lutado para ultrapassar os atrasos educativos de que sofria. As condições de sobrevivência do Externato tornaram-se mais favoráveis, embora, simultaneamente, tenham surgido novas dificuldades e incompreensões. O fenómeno subjacente continua a ser semelhante: “porquê manter uma ideia, um conceito diferente, agora que a escola se generalizou a todo o

país?” Este tem sido, em suma, o desafio dos últimos anos.

Como seria a Benedita sem o Externato? Certamente a escola pública teria cá chegado. Provavelmente os jovens acederiam a um terceiro ciclo oficial. Mas teriam uma escola secundária? Há quanto tempo? Continuariam a ir estudar para Alcobça, agora no ensino secundário e não logo após o primeiro ciclo, à semelhança do que acontecia há 50 anos? Teria a escolarização sido tão eficaz ou os níveis de abandono seriam muito maiores? Seria a vida na Benedita igual e progressiva, aberta, de ideias arejadas e arrojadas como hoje temos? Teria um tecido urbano semelhante ou tinha caído numa estagnação análoga a tantas outras localidades situadas nos limites dos concelhos? Sim, há a indústria. Mas teria a indústria prosperado e evoluído sem a mão-de-obra apropriada e o conhecimento técnico hoje necessários para produzir e vender no mundo? A visão do mundo que a escola potencia? Teria a mesma população ou esta iria perder-se, pouco a pouco, à procura de oportunidades, empregos ou clientes? Podemos esquecer que o Externato constitui, de per se, um agente económico muito significativo pelos recursos que mobiliza e a população que atrai?

### **O legado**

O legado da escola, o seu valor real está inscrito no futuro dos seus alunos. Quer esteja claramente presente como o último ponto de apoio na passagem à vida

adulta, quer seja já apenas um pontinho num longo percurso de formação, o Externato tem sido vital para as sucessivas gerações desde há cinquenta anos e faz parte das suas vidas quer de forma material quer enquanto símbolo.

A resposta para as questões antes formuladas é tão evidente que nem merece ser debatida. A resposta encontra-se na lista de formações/profissões que alguns antigos alunos apresentam no inquérito “percurso.ecb” citadas no início deste texto. Trata-se apenas de uma pequena parte de uma lista impressionante. Claro que muitos passaram por outras escolas e nelas se formaram. No entanto, para lá chegarem foi decisivo o que aprenderam no Externato. Andam pelo mundo a contribuir para o desenvolvimento da humanidade, alguns de forma mais modesta, outros de forma determinante. São cidadãos melhores, mais sabedores, mais interventivos e capazes.

Muitos, claro, não chegaram a sair da Benedita e a frequentar a Universidade. Para estes, o Externato é a referência mais próxima de escola. Também estes, com o 9º ou o 12º ano aprenderam e se formaram mais produtivamente. Inovaram nas profissões mais tradicionais ou mais modernas, desenvolvem melhores condições de vida e de trabalho, são mais cultos e críticos que as gerações anteriores.

### **O valor simbólico**

A par do legado real, o Externato transporta uma carga simbólica de elevado va-

lor. As sociedades humanas não se constituem nem progridem apenas com bases materiais, mensuráveis. Os símbolos são determinantes na construção da mentalidade individual e coletiva. Ora, o Externato, a sua longevidade e sucesso, representa de múltiplas formas a ideia mais positiva que a Benedita, como um todo, tem de si própria. Ele é sentido como uma força identitária, a prova da capacidade empreendedora das suas gentes, a resiliência perante os contextos mais desfavoráveis, a autonomia e a autodeterminação – perante as dificuldades, resolve-se. Não se espera que outros venham resolver. Será esta, aliás, a razão de tanta atenção por parte dos mais críticos. Mesmo os que desvalorizam as realizações materiais, não conseguem ultrapassar a medida-padrão simbólica em que se tornou.

### **O futuro**

Numa aparente contradição, o Externato, para no futuro continuar a ser bem sucedido, apenas tem de ser como sempre foi: aberto, disponível à inovação, progressista, em mudança contínua. Precisa, como no primeiro dia, de “ler” os sinais do futuro, de ouvir e de se fazer ouvir, de colaborar, de dialogar e impor a sua singularidade, de estar sempre um passo à frente, de funcionar em contexto sem trair a sua natureza. Dito de outra forma, tem de preservar a sua identidade. Não pode vacilar nas características que o fazem único e correr o risco de ser “apenas mais uma escola”, indistinta entre tantas outras.

Deve conciliar o seu projeto educativo, a ambição dos seus projetos, a divulgação cultural e a sua visão de escola, de como deve ser a escola, com a integração plena no sistema educativo português, cumprindo os objetivos definidos a nível nacional bem como os níveis de sucesso que garantam o respeito por si próprio e o de todos os agentes educativos: dos pais e dos alunos, dos governos, das outras escolas.

O sucesso dos primeiros cinquenta anos é prova de valor que basta. O sucesso dos próximos cinquenta irá sendo conquistado todos os dias.

## HOJE ESTIVE A CONTAR O TEMPO

Maria José Guerra

Professora de Inglês/Alemão do Externato Cooperativo da Benedita

Hoje estive a contar o tempo. Trinta e dois anos! No próximo mês de setembro terão passado trinta e dois anos desde o dia em que entrei pela primeira vez nesta escola como professora. Corria o verão de 1983 e eu tinha vindo à Benedita ver o meu namorado (hoje marido) e fui ao Café Apolo onde era costume todos os jovens da terra (professores incluídos) se encontrarem. Nesse dia estava lá uma professora do Externato que me perguntou o que eu fazia. Disse-lhe que era professora de inglês e alemão, ao que ela respondeu: “Calha bem! Estamos mesmo a precisar de um professor de inglês! Não queres passar pela escola e falar com o dr. Sapinho, que é o nosso diretor?” Eu fiquei sem saber o que responder porque tinha acabado de ser colocada em Mação, uma vila no interior centro do país, não muito longe da minha terra, Abrantes. O meu pai tinha falecido no ano anterior, tinha o meu avô materno em minha casa e não me estava a ver deixar a minha mãe e o meu avô sozinhos e vir para uma terra estranha que ainda mal sabia situar no mapa. No caso de aceitar o lugar teria de vir morar para cá. Decisão difícil. Falei com o meu namorado e decidi ir então falar com o diretor. A conversa foi rápida e eficiente. Em menos

de dez minutos e depois das perguntas normais nestas situações (quantos anos tem? Já deu aulas ou é a primeira vez? De onde é? Que habilitações tem? Onde fez o curso?), já era da casa. “Mação?”, perguntou ele. “Não se compara com a Benedita e muito menos com o Externato! É só passar na secretaria para tratar da papelada.”

Casei no final de setembro desse ano e no dia 1 de outubro começou a contar o meu tempo de serviço no Externato Cooperativo da Benedita. Eu já trazia dois anos de trabalho em escolas públicas, a primeira em Lisboa, ainda enquanto estudante e a outra em Abrantes, no liceu onde estudei. Escolas grandes essas, com muitos professores e alunos, algo impessoais, onde as relações entre os colegas se resumiam a meia dúzia que estavam na mesma situação que eu – início de carreira e muita juventude. A maior parte dos colegas nem cheguei a saber quem eram (sobretudo na escola de Lisboa). Quando cheguei aqui, o meu espanto foi total – deparei-me com uma escola pequenina, com pouco mais de dez salas, cerca de vinte turmas de trinta alunos cada, um horário que ultrapassava as trinta horas semanais, com aulas de manhã, à tarde e à noite e vinte e cinco professores. Era tudo novidade! Mas

a maior foi verificar que o clima de camaradagem entre colegas era a maior virtude desta escola. Parecíamos uma família alargada! Fazíamos muita coisa juntos: íamos a festas, comprávamos bilhetes da lotaria do Natal e como a terminação nos saía quase sempre, (por vezes tínhamos a sorte de ganhar um prémio mais chorudo) jantávamos fora com esse dinheiro e depois íamos a um bar ou discoteca, que era moda nesse tempo. Em suma, divertíamos-nos sempre que podíamos. Sempre juntos!

Hoje estive a contar o tempo. Trinta e dois anos e cinco mil alunos depois vejo que a idade da inocência já lá vai. O tempo de hoje já não é o mesmo. Não se conta da mesma maneira e, inevitavelmente, a história é outra. Já não há tempo para festas, nem jantares. A lotaria deixou de ser comprada. Estamos afogados em papéis, burocracias que resultam em não sei bem em quê. Não podemos chamar a atenção de um aluno relativamente ao seu comportamento incorreto sem preencher um ou dois papéis, explicando a situação ao colega professor e ao encarregado de educação e ao diretor A e ao B e depois assinar e rubricar e depois... e depois... “Vamos beber um copo?”, pergunta-se. E, não raro, a resposta é: “Estás doido, ou quê? Tenho testes para ver, aulas para preparar e aquele relatório...!”. Não percebo! Juro que não percebo! Naquele tempo também havia testes para ver e aulas para preparar e no entanto...

Hoje estive a contar o tempo. Papéis e relatórios à parte, restam os alunos, esses sim! São eles que nos movem, apesar de

tudo! Se eu estou a envelhecer eles rejuvenecem-me, apesar das contrariedades. Isso torna o tempo mais curto. O Externato cresceu de uma forma que seria quase impensável há três décadas atrás. É agora uma escola moderna com condições invejáveis para muitas outras. E isto inclui os alunos. Vendo bem, 1983 parece que foi ontem e isto faz-me pensar que, quando nos sentimos bem num sítio, não damos pelas horas. (Quando a aula é interessante parece que o tempo passa mais depressa, não é?) Agora é tudo mais acelerado. Os anos passam a correr e quando damos conta já estamos no ano seguinte. Talvez tenhamos sacrificado algo do passado em função do futuro, mas o progresso é mesmo assim e esta escola tem estado várias vezes um passo à frente. Talvez por isso o tempo não tenha custado a passar.

“Vamos beber um copo?”

## ENSINO DA LÍNGUA – O ETERNO DESAFIO

Inês Silva

Vereadora da Educação da Câmara Municipal de Alcobaça

Escrevo sobre o eterno “grande” desafio que é o ensino da língua, dado esta questão estar outra vez em cima da mesa, a propósito do novo programa de português para o ensino básico, que entrará em vigor no ano letivo de 2015/16. Pela leitura de vários depoimentos que têm sido publicados relativamente a ele, percebe-se que está a ser alvo de profundas críticas. Algumas destas prendem-se com o facto de não valorizar a consciência linguística, na passagem do conhecimento implícito a conhecimento explícito da língua, nem apostar na exploração de hábitos de reflexão sobre a língua, o que estava referenciado no último Programa de Português do Ensino Básico, homologado em 2009 e em pleno funcionamento no ensino básico em 2011.

Face a este cenário, é desde logo pertinente tentar perceber se o “ensino da língua” deve depender exclusivamente dos documentos oficiais (currícula, Programas, Metas Curriculares), ou se deve partir destes para se centrar sobretudo no conhecimento da língua de cada docente (adquirido na sua formação inicial e contínua e em leituras especializadas), que lhe permita manuseá-la para a poder ensinar aos alunos.

Atendendo aos exercícios propostos em manuais, livros de fichas e outro material didático, verifica-se que, nas últimas décadas, houve mudanças significativas relativamente à forma como a língua tem sido trabalhada na sala de aula.

Nos anos 80, os manuais do 3.º ciclo, por exemplo, manifestam uma total inexistência de exercícios sobre a língua, o que pode eventualmente indiciar que o programa vigente não pressupunha um trabalho eficaz em torno do funcionamento da língua, entendendo-se a gramática como um conjunto de conteúdos desarticulado das outras competências, como a leitura e a escrita. Pode mesmo afirmar-se que o trabalho em torno da língua não ia além do 2.º ciclo. Para fazer face a esta lacuna, os programas de 1991 assumem a necessidade de reflexão sobre o funcionamento da língua enquanto domínio transversal às várias competências dos alunos. Contudo, novas investigações, ao mostrarem as vantagens de se estudar a língua muitas vezes e em períodos diferentes de tempo, propõem a substituição da denominação *funcionamento da língua* por *conhecimento explícito*, pelo qual se entendia uma consciencialização e sistematização progressiva do conhecimento

implícito da língua, que servisse, entre outros, propósitos instrumentais: reflexão sobre a língua e seu funcionamento; consciencialização do conhecimento implícito; definição dos conteúdos a trabalhar; explicitação de regras gramaticais (usadas e a usar); identificação das dificuldades e modos de operacionalização para as superar. Neste contexto, gramática significa, pois, refletir e sistematizar, tomar consciência do funcionamento e regras da língua. A reflexão gramatical permite, ainda, trabalhar a escrita com estratégias próprias e adequadas e a oralidade pela consciencialização das propriedades específicas do português padrão face às variedades dos alunos.

No Programa de Português do Ensino Básico de 2009, a designação “funcionamento da língua” é oficialmente substituída por *Conhecimento Explícito da Língua* que “significa ensinar gramática numa perspectiva articulada com outras competências e quais as implicações metodológicas desta conceção do ensino da gramática para o trabalho de didática da língua” (Costa *et al.* 2009: 4). Os manuais passam, pois, a contemplar exercícios de reflexão e de descoberta dos fenómenos do português, com propostas de laboratórios gramaticais, nos quais os alunos, considerados verdadeiros cientistas, questionam, analisam e sistematizam aspetos da língua, muitas vezes em articulação com a leitura, escrita e oralidade.

Contudo, em 2012, as Metas Curriculares do Português vêm sobrepor-se ao Programa homologado anteriormente e

a designação *Conhecimento Explícito da Língua* é substituída por *Gramática*, domínio que integra a sistematização das unidades, regras e processos gramaticais da língua e o uso sustentado do português padrão nos diversos domínios, não havendo no documento indicações sobre o modo de operacionalização. Esta mudança acarretou uma adaptação dos manuais, que substituíram os laboratórios de língua por exercícios gramaticais autónomos (não articulados com a oralidade, leitura e escrita). A reflexão deu, pois, lugar à aplicação de conteúdos.

No presente ano, o Ministério da Educação e Ciência coloca em consulta pública, até ao dia 17 de abril de 2015, a proposta de novo Programa de Português para o Ensino Básico, que segue e enquadra as Metas Curriculares em vigor. Depois de homologado, vigorará a partir do ano letivo de 2015/2016.

Tendo em conta o exposto, e na minha perspetiva, o trabalho do docente de língua não pode seguir estritamente os documentos oficiais, cuja estruturação/nomenclatura (nem sempre acompanhada por propostas de operacionalização) está dependente de orientações da tutela e das conceções científico-pedagógicas dos autores que os elaboram.

Isto não significa dizer que, no caso do funcionamento da língua / conhecimento explícito / gramática, não seja necessário “fixar” uma nomenclatura dita “oficial”, isto é, escolher uma gramática e uniformizar a doutrina que constitui a sua base, a ser seguida por todos os docentes. Morais

Barbosa (in Reis, C. 2007), por exemplo, defende, na e pela escola, uma *reflexão prescritiva do funcionamento da língua portuguesa*, a partir de um metadiscurso pedagógico, ou melhor, normativo, que não se confine a nenhuma corrente teórica específica e que seja orientadora do trabalho docente. No seu entender, a ausência de uma gramática normativa é responsável pelo desconhecimento da língua por parte dos alunos, uma vez que tem sido substituída por “laivos” de teorias. No entanto, o ensino dessa gramática deve inscrever-se numa efetiva *pedagogia da língua*, definida por Olívia Figueiredo (2005) como um ato de construção permanente da prática pedagógica, que parte dos programas de ensino, nas suas diversas componentes, mas sempre de acordo com os três princípios gerais definidos na Lei de Bases do Sistema Educativo<sup>1</sup>. Diz a autora (2005: 15) que “o essencial é o professor proporcionar a cada um dos alunos os instrumentos operatórios para que eles sejam capazes de relacionar a língua com eles próprios, numa tripla perspetiva: a língua como objeto de conhecimento (aspecto cognitivo); a língua como objeto de fruição (aspecto lúdico-afetivo); a língua como ob-

jeto de comunicação (aspecto pragmático-social).” Assim sendo, e não deixando de entender a língua como um *objeto de aprendizagem*, que compreende níveis como o fonológico, o morfológico, o sintático, o lexical, o discursivo, entre outros, ela é considerada também *veículo desses conteúdos, meio estruturante do aluno e instrumento organizador das relações entre este e o professor/turma/outros*.

Em síntese, embora os documentos oficiais sejam os principais orientadores do trabalho do professor na aula de português, este deve reger a sua prática, como defende Olívia Figueiredo, por uma efetiva pedagogia da língua, enraizada em sólidos conhecimentos, que a entenda como “estruturante” do sujeito aprendente, na relação com ele próprio e com os outros. É essa pedagogia da língua que vai conferir importância à consciência linguística, na passagem do conhecimento implícito da língua a conhecimento explícito, e na criação de estratégias de reflexão sobre a língua, de forma a levar os alunos a manuseá-la, para melhor poderem interpretar, escrever e falar.

## BIBLIOGRAFIA

Costa, J. et al. 2009. Conhecimento Explícito da Língua – Guião de Implementação do Programa. Lisboa: ME.

Figueiredo, O. 2005. Didáctica do Português Língua Materna – Dos programas de ensino às teorias, das teorias às práticas. Porto: Edições ASA.

Reis, C. (Org.) 2007. Conferência Internacional sobre o Ensino do Português: 7, 8 e 9 de Maio de 2007. Lisboa: Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.

<sup>1</sup> Lei n.º 46/86, DR. 237, Série I, de 1986-10-14



## A IMPORTÂNCIA DO ECB: UMA PERSPETIVA

José Luís de Carvalho Lalanda Ribeiro

Ex-Professor de Matemática do Externato Cooperativo da Benedita

### Enquadramento

É uma honra, para mim, o convite que me foi endereçado para escrever um artigo para os *Cadernos ECB*.

E muito maior é, por ser no ano do quinquagésimo aniversário do Externato. É uma idade apreciável para esta Escola de referência que, com certeza, enche de orgulho não só os beneditenses, mas todos aqueles que a ela estamos ligados, quer no presente quer no passado. Estamos todos de parabéns, mas muito em especial os que tiveram a brilhante ideia de fundar o ECB, o fazerem crescer, o ampliarem, o tornarem numa escola de qualidade. Possivelmente, aqueles que ao Externato estiveram ligados no início, nunca imaginaram o prestígio e dimensão que ele teria ao fim de cinquenta anos. São dignos dos maiores agradecimentos e homenagens por parte das comunidades, não só beneditense, mas também limítrofes.

Recordo que a criação do ECB resultou do querer da população, como consequência lógica do Plano de Desenvolvimento Comunitário de que a Benedita foi alvo no início da década de 60, do século passado.

Foi este Plano elaborado pela Equipa de Estudos e Experimentação do Desen-

volvimento Comunitário, equipa multidisciplinar no âmbito da economia e do social, onde marcava presença a Dra. Manuela Silva, economista de grande prestígio e de muita sensibilidade no que diz respeito ao campo social. Foi a elaboração deste Plano muito participada pela comunidade, mercê de uma forte liderança local e do muito querer da população. A sua concretização traduziu-se na criação de empresas (algumas por junção de várias existentes), de cooperativas (de que o grande exemplo foi a cooperativa de ensino), de programas de educação de base (incluindo de adultos), de equipamentos de saúde, etc.. Neste processo, a freguesia da Benedita revelou um grande empreendedorismo, motivado pela participação das pessoas.

Como foi facilmente assimilado, o maior investimento é o que se faz na educação. Assim apareceu a ideia, inovadora, da criação de uma cooperativa de ensino, o Instituto de Nossa Senhora da Encarnação Cooperativa de Ensino e Cultura, CRL (INSE), de que a principal valência é o Externato Cooperativo da Benedita (ECB), que iniciou a sua atividade no ano letivo de 1964 / 65.

Foi, e continua a ser, este Estabeleci-

mento de Ensino de uma importância extraordinária para a região, pois abrange não só a vila da Benedita, mas também freguesias limítrofes, dos concelhos das Caldas da Rainha e de Rio Maior. O progresso da vila e da região à sua volta, está intimamente ligado ao sucesso deste projeto inovador e já cinquentenário.

O prosseguimento dos estudos, após o ensino básico, sem necessidade de grandes deslocamentos dos alunos mais jovens, a possibilidade dos mais velhos aumentarem o seu nível de escolaridade através do ensino noturno, a formação profissional aos trabalhadores, foram determinantes para o desenvolvimento económico da vila e da região, através da aquisição de novas e melhores qualificações e competências.

As sucessivas ampliações, a partir do edifício inicial, a construção do Pavilhão Gimnodesportivo e que culminaram com a edificação do Centro Cultural Gonçalves Sapinho, inaugurado em 2004, na altura das comemorações do quadragésimo aniversário, tornaram o ECB numa escola com ótimas e modernas instalações.

Esta Cooperativa e este Estabelecimento de Ensino são a prova de que o querer de uma população, dinâmica e com uma liderança local com discernimento e visão do futuro, conduz a frutos que a todos beneficiam. A aposta na educação foi o melhor investimento que foi feito e que transformou, de forma decisiva, a Benedita e lhe deu a projeção de que disfruta.

### **Experiência pessoal**

A minha primeira relação com o ECB remonta ao ano letivo de 1983 / 84, tendo durado apenas três anos, por motivos que explicarei mais à frente.

Desempenhei o cargo de Presidente da Câmara das Caldas da Rainha, entre 1977 e 1982, o que correspondeu a dois mandatos de três anos. No primeiro dia de Janeiro de 1983, reassumi o meu lugar de professor efetivo, de Matemática, na Escola Secundária Raul Proença, naquela cidade. No início do ano letivo de 1983 / 84 fui contactado pelo Diretor do Externato, Dr. Gonçalves Sapinho, desafiando-me para ir lecionar algumas horas, especialmente ao 12º ano. Mercê da nossa amizade, foi-me pressionando, levando a que no início de Outubro começasse a dar aulas na Benedita.

Lecionava em regime de acumulação e dava aulas a partir do meio, fim da tarde, a alunos do Curso Diurno e do princípio da noite a alunos do Curso Noturno. Foi uma experiência enriquecedora, que me obrigava a bastante trabalho, mas que tinha compensações, nomeadamente no relacionamento muito cordial e amigável que sempre senti, quer por parte do Diretor, o inesquecível Dr. Sapinho, quer por parte do restante Corpo Docente e funcionários, bem como do Corpo Discente.

No ano letivo de 1985 / 86, último do meu primeiro contato com o ECB, deixei de lecionar o 12º ano, mantendo outros anos de menores responsabilidades no meu horário. O motivo que levou a esta

decisão, acordada entre mim e o Diretor, foi o facto de ter sido candidato, nas eleições legislativas realizadas em 1985, na lista do PSD e terem sido eleitos todos os candidatos que estavam à minha frente. Fiquei assim em primeiro lugar para substituir algum que saísse, fosse por que motivo fosse. Se isto acontecesse, o que poderia suceder em qualquer altura do ano letivo, e para não deixar alunos do 12º ano sem aulas, entendemos que seria melhor terem outro professor, logo a partir do início do ano. Além disto, iria começar a funcionar o estágio pedagógico de alguns colegas do grupo de Matemática, que ficariam prejudicados com uma situação como a descrita anteriormente, pois também tinham que lecionar na turma do 12º ano do orientador.

Embora esta situação não tivesse acontecido, no ano letivo de 1986 / 87 já não pude dar aulas no ECB, pois, como estava destacado na Escola do Magistério Primário das Caldas da Rainha, não me foi autorizado o regime de acumulação, pelo Ministério da Educação. Havia, nestes anos, um número apreciável de professores neste regime, havendo no Externato muito poucos profissionalizados.

A partir de 1987 não tive mais oportunidade de voltar à Benedita, pois fui nomeado para Comissões Instaladoras de Escolas do Instituto Politécnico de Leiria, primeiro da Escola Superior de Tecnologia e Gestão e depois da Escola Superior de Arte e Design, das Caldas da Rainha. Entretanto, com o resultado das eleições legislativas de 1987, fui eleito deputado,

tendo feito um mandato, até 1991.

Após ter terminado o meu serviço na Comissão Instaladora da ESAD, de novo fui convidado, insistentemente, pelo Dr. Sapinho, para voltar a lecionar no ECB e que me dizia, sempre que nos encontrávamos, “ continuo à sua espera “. Até que um dia, estávamos em Setembro de 1996, telefonei-lhe para perguntar se havia vaga, num determinado grupo, para uma pessoa amiga. Dada a informação pedida, disse-me: “ E agora nós; tenho um horário à sua espera. Está disponível? “

Combinámos uma ida minha ao Externato e acertámos que, a título experimental e por um ano, iria lecionar com um horário completo. E fiquei até 2007!

A partir do ano letivo de 2003 / 2004 pedi para ter só 12 horas letivas, pois começava a sentir o peso dos 60... Em 2007, como tivesse começado a ter alguns problemas de saúde, e com muita pena minha, nas férias da Páscoa, pedi ao Diretor, Dr. Alfredo Lopes, para ser dispensado no final do ano letivo que decorria.

E assim terminei a minha carreira profissional no Externato Cooperativo da Benedita. Sempre aqui me senti bem e sempre fui tratado com muita consideração e amizade. Como se pode calcular, este fim de carreira foi muito marcante para mim. Não posso esquecer as manifestações de carinho e simpatia que me envolveram, em especial nesta altura, por parte da Direção que sempre me apoiou e me escutou, por parte dos alunos quando lhes comuniquei que não iria ser seu professor no ano letivo seguinte, por parte dos colegas, em

especial os do meu grupo, que sempre me ajudaram quando necessitei e a quem procurei também ajudar quando precisaram e dos funcionários que sempre me dispensaram muita consideração e apoio.

Esta minha segunda passagem pelo Externato começou por ser marcada por grandes surpresas, relativamente à primeira: a sua dimensão, pois tinha aumentado consideravelmente com as novas instalações; o número de alunos, que tinha tido um grande crescimento; e a quantidade de professores que existiam, de grande qualidade e competência e quase todos profissionalizados.

Por outro lado, a inovação e a formação eram presença diária e constante na atividade dos docentes. As Tecnologias de Informação e Comunicação, aplicadas ao ensino e as Técnicas Multimédia, estavam a ser fortemente implementadas, numa Escola que sempre pautou a sua atividade pelo vanguardismo pedagógico e didático. Deve ter sido dos primeiros estabelecimentos de ensino, da nossa região e até do país, a ser equipado com quadros interativos, o que diz bem do investimento que sempre foi feito para se manter permanentemente atualizado e com uma oferta de qualidade para a formação dos alunos, razão de ser da existência de qualquer Escola.

Não há dúvida de que os objetivos que nortearam, há cinquenta anos, aquela população beneditense que achava que o maior investimento é o que se faz na educação, tiveram a sua concretização no ECB, fazendo com que a Benedita tenha

a importância que tem na economia desta região.

Em jeito de conclusão, posso dizer que foram inesquecíveis os anos que trabalhei no Externato, pois, além de tudo o resto, foi o Estabelecimento de Ensino onde lecionei mais anos e foi a Escola onde terminei a carreira profissional que abracei com convicção e por vocação.

Desejo que o ECB continue com a mesma dinâmica e o mesmo espírito de modernidade que prossegue há cinquenta anos, para bem de toda a região.

## CUNABULA

Pedro Rui Ramalho Constantino

Aluno do 1º ano de Engenharia Biomédica, na Universidade Nova de Lisboa,  
Ex-aluno do Externato Cooperativo da Benedita

*“The principle goal of education in the schools should be creating men and women who are capable of doing new things, not simply repeating what other generations have done; men and women who are creative, inventive and discoverers, who can be critical and verify, and not accept, everything they are offered.”*

*Jean Piaget*

Eu tinha cinco anos quando aprendi o alfabeto. Creio, até, que esta deve ser uma das minhas mais antigas memórias.

A tarde era de verão, e os meus pais tinham acabado de sair para trabalhar – tudo indicava barulho e diversão febris. Enquanto procurava a bola de futebol parada no canto da sala, o meu irmão, atingido por um súbito acesso de consciência paternal – que só os irmãos mais velhos de dez anos devem ser testemunhos –, encurralou-me e decidiu que deveria impreterivelmente ensinar-me o alfabeto ainda naquela tarde. Lembro-me que chorei muito. Chorava e gritava principalmente quando falhava a ordem das letras e ouvia protestos. Honestamente, não me recordo de alguma vez lho ter dito, mas foi uma das experiências mais agonizantes por que passei.

Não sei até que ponto este episódio pode ter sido importante para o meu de-

envolvimento enquanto indivíduo. Freud decidi-lo-á. A verdade é que, embora me aborresse, a início, perder horas com as letras, os números e a história, acabei, mais tarde, por começar a gostar muito de aprender.

Vou, forçosamente, começar por aqui.

Eu pertenço àquele grupo de pessoas que acredita que o sucesso na aprendizagem é directamente proporcional à qualidade e abertura dos professores - não esquecendo, porém, que nesta equação o empenho do aprendiz tem expoente natural maior que um.

Matemática...

Quando me iniciei no Externato, lembro-me de haver já sementes do meu gosto pela matemática. No entanto, foi no tercei-

ro ciclo do ECB que as relações trigonométricas, as equações e as propriedades algébricas começaram a rebentar em flor. Revelo isto para vos confessar que o responsável não fui apenas eu. Foi também a professora que teve a energia para manter calma e instruir uma sala com vinte e seis modernos motores de injeção direta em regime desportivo. E se vos falo de quem me ensinou de números, é porque aos números dedico especial afeto. Porque, na verdade, mantenho em muita consideração todos os que, durante o meu terceiro ciclo, me ensinaram.

Mas se anteriormente fora a matemática a revelação, no secundário houve uma surpresa de outra proporção: “a amiga da sabedoria”. Não vou, nunca, esquecer o meu primeiro ano de filosofia. E porque neste momento estou empenhado em justificar a minha admiração pelos meus professores, quero confessar que devo muito ao meu primeiro professor de filosofia. Revelou-me a beleza de pensar e a importância de buscar respostas. Entre muitas coisas, aprendi com ele a gostar de ler certos livros e ouvir certas músicas – músicas e livros esses que definem largamente aquilo que sou.

À semelhança do que disse sobre o terceiro ciclo, falei, agora, de quem me ensinava filosofia, porque a filosofia foi a que mais me agitou neste período. No entanto, podia, de igual modo, discorrer sobre o profissionalismo e amizade de biologia e geologia; do divertimento e método da matemática; do nível de cultura e interesse de português; da positividade e jovialidade do inglês; da bondade e curiosidade da físi-

ca; ou da energia e conselho da educação física. Juro que enchia duas mãos cheias de páginas a falar dos meus professores que, na verdade, são exemplos de valores e, em certa medida, amigos.

Mas porque se não parar, vou aborrecer o leitor, quero agora falar de outro tipo de pessoas que muito respeito.

Vou deixar a nostalgia pintar.

Todos os dias chegava, de autocarro, ao Externato às oito horas da manhã. Entrava pelo portão de trás, e tomava um de dois caminhos: ou pacatamente ia para o bar da papelaria acabar um TPC, ou ia para a sala do aluno esperar pelo toque das oito e vinte. Em qualquer um destes trajetos era invariavelmente recebido com um caloroso “Bom-dia!” das senhoras funcionárias. Conseguiam tornar o ambiente sempre familiar e afável. Na verdade, fosse à chegada, ou a caminhar nos corredores; a entrar na biblioteca, ou a passar pela secretaria; a ir comprar folhas de ponto, ou a almoçar no refeitório; a ir pedir a chave do pavilhão, ou na enfermaria com uma enxaqueca, todos os funcionários pareciam ter um carinho especial por nós, os muitos alunos do ECB. Tenho, aliás, histórias divertidas com algumas destas pessoas - razão pela qual não vou, com certeza, esquecer a bondade que demonstraram ao longo dos anos.

Pinta.

No segundo ano do secundário, uma das minhas professoras, com muito boa energia, juntou um grupo de pessoas, na

qual tive o privilégio de estar incluído, e desencadeou com esse grupo um conjunto de atividades que acabariam por ter um impacto muito positivo na comunidade. Estive, com este grupo, envolvido em várias ações de voluntariado intra e extraescolar. Para infelicidade minha, nunca tinha estado verdadeiramente envolvido em projetos de voluntariado. Mas com estas oportunidades testemunhei um sentimento novo, que me agradou muito - o sentimento de prazer em poder ajudar, de alguma maneira, o próximo. Enfim, descobri algo que desconhecia e que me deu muitos sorrisos. De facto, a escola também é isto: proporcionar aos alunos experiências que os concretizem de alguma forma (seja na área do desporto, do entretenimento ou da ação social). E tenho bastante orgulho no facto de o nosso ECB entender a importância e apoiar tanto este tipo de iniciativas. Porque assim, não formamos apenas máquinas de estudo. Formamos pessoas conscientes, pensadoras e criativas.

Posto tudo isto, não podia, então, deixar passar a oportunidade de agradecer e elogiar outro grupo de pessoas pessoas: as pessoas que, ao longo de todo este tempo, têm sido os responsáveis por orquestrar esta instituição que é o Externato Cooperativo da Benedita.

Aos diretores ao longo destes cinquenta anos, tenho a agradecer a força e empenho com que têm enfrentado o desafio de gerir uma tão importante empresa. Eu sou apenas mais um produto desta escola. Mas como coisa que passou por todas as prensas, máquinas de corte, e de produção em série, quero inteirar-vos de que é

quem manuseia a máquina que determina a qualidade do produto.

Professores, funcionários e diretores.

Creio que tudo isto se deve a um epidémico sentimento de familiaridade. A familiaridade que existe no Externato é ímpar. Uma escola em que os professores, funcionários e diretores foram formados e vivem na localidade, ou de alguma forma se identificam com as pessoas e o lugar que é a Benedita, tornou a escola numa segunda casa e família, para todos. É exatamente a esta família que devo dois terços do que hoje sou.

E esta família conta já com várias gerações. Mas como todas as boas e sólidas famílias, manter-se-á por muitas mais.

Para finalizar, quero apenas congratular o Externato Cooperativo da Benedita pelos seus cinquenta anos e agradecer, em especial, a todos os que, de alguma maneira, contribuíram para, muito provavelmente, a minha melhor experiência pedagógica.

O próprio Jean Piaget ficaria orgulhoso desta minha cunabula.



## CERÂMICA NO CONCELHO DE ALCOBAÇA, ATIVIDADE DE ELEIÇÃO

Jorge Pereira de Sampaio

Doutor em História com especialização em Cerâmica Portuguesa

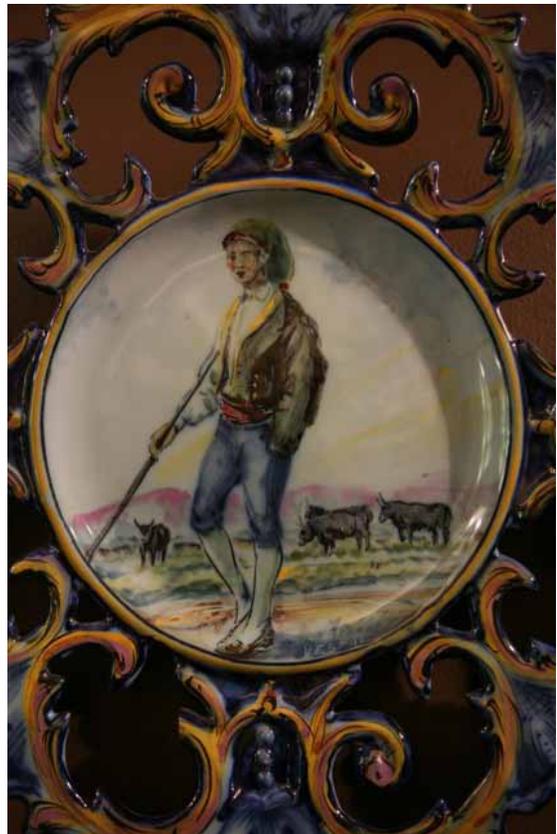
A produção cerâmica constitui, desde meados do século vinte, uma das atividades económicas de importância na região de Alcobça. Por outro lado foi, durante décadas, catalisadora de várias famílias que, como operários ou proprietários, a esta atividade, estiveram ligados. Por esse motivo, foi escola de pais e filhos que deram muito das suas vidas a este setor onde, ao longo de tanto tempo, e ainda hoje, foram criadas peças de grande qualidade.

Em 1875, José dos Reis, mercador de louça oriundo de Coimbra vem a fundar em Alcobça uma fábrica de cerâmica, já que por essa época encerra portas a célebre Real Fábrica do Juncal que, durante cerca de um século, fornecera a população da região. A sua produção inicial assemelha-se ao que se fazia em Coimbra.

Após a morte do fundador, em 1900, Manuel Ferreira da Bernarda arrenda a fábrica. Abastecia o mercado local e o concelho e, em 1907, empregava sete pessoas; em meados do século, sob a administração de seu filho e sucessor, Raul Ferreira da Bernarda, tinha ao seu serviço meia centena de funcionários e já havia iniciado a venda dos seus produtos para o estrangeiro; cem anos depois do primeiro dos membros da família Bernarda se ter

ligado ao fabrico de faiança, a empresa empregava cerca de duas centenas de indivíduos nos seus quadros de pessoal, destinando a maior parte da sua produção para exportação.

Em 1927, com a criação da *Olaria* de



Fotografia de Paulo Madeira

Alcobaça, Lda assiste-se a uma linha de produção diferente, em que as formas e decoração dos principais centros cerâmicos nacionais desde o século dezassete ao dezanove, são mote. A par da estampilhagem, característica da fábrica de Manuel da Bernarda e seguida também nas peças utilitárias pela «Olaria», surgem então peças de aparato e em que se denota uma preocupação estética reveladora dos conhecimentos e preparação dos seus proprietários. Um modelo de jarra em forma de canudo sextavado ou oitavado decorado ao gosto das peças «ratinho» de Coimbra assinala a junção de motivos extraordinariamente populares em formas art-deco, testemunhando uma transversalidade de estilos. Por seu lado, a utilização de quadras populares em pratos com decoração de morrões vai ao encontro de um gosto nacional bastante cultivado na época.

Quando Raul da Bernarda prossegue nos destinos da administração da fábrica de seu pai, a produção altera-se, atenta ao sucesso da *Olaria* e à revolução por ela provocada. Começa então a surgir em Alcobaça um estilo comum que vai afirmando um tipo de louça que se vem a caracterizar indelevelmente – a partir daí, a «louça artística de Alcobaça» figura em todos os lares portugueses, nem que seja na cozinha, a que não é alheio o facto da principal estrada do País ligando Lisboa e Porto passar junto ao Mosteiro de Alcobaça e não ser raro em tantas famílias portuguesas o passeio dominical ao triângulo Alcobaça – Batalha – Nazaré. A par do tradicional «frango na púcara», a aquisi-

ção de um prato ou uma jarra nas lojas do Rossio era uma realidade, sobretudo entre as décadas de quarenta e setenta.

Fruto do êxito desta louça, a partir de meados da década de 1940, alguns dos funcionários das duas fábricas criam as suas próprias empresas – nesse contexto, surgem a *Elias & Paiva, Lda*, a *Estatuária Artística de Alcobaça, Lda* e, alguns anos depois, a *Pedros, Lda*, na freguesia da Maiorga. Na mesma época, a Vestia-ria vê surgir a *Vestal, Lda*. Em Mendalvo, duas fábricas foram importantes – a *Pombo & Almeida Ribeiro*, de José dos Santos Pombo e José de Almeida Ribeiro e, mais tarde, a *Pombo & Almeida Libório*. Em Aljubarrota, Francisco Ferreira da Bernarda (irmão de Silvino e de Raul da Bernarda) foi sócio de José Gonçalves da Silva e António de Almeida Júnior, na *Almeida & Bernarda, Lda*. Em 1956, os dois primeiros cedem as suas quotas a Agostinho Marques passando então a empresa a denominar-se *Marques & Almeida, Lda*.

Fora do concelho de Alcobaça, assiste-se também ao surgimento de fábricas que prosseguem este estilo, a que não é alheia, por vezes, a permanência de pintores que aí fizeram o seu processo de aprendizagem. Surge então, neste contexto, a *Pereira & Lopes, Lda*. no Valado de Frades; no Juncal, a *Olajul* e, mais tarde, a *RCCL ou Rebelo, Carneiro & Companhia, Lda* e, próximo, *Silva Marques* na Cruz da Légua e *CAIL ou Cerâmica Artística Industrial, Lda*, na Moitalina, a que está ligado o nome de Romeu Augusto e, depois, José Rosa; em Vale de Cambra é seguido este estilo na fábrica *Nalda*; e, no Bombarral, a

*Cerâmica Bombarralense*, Lda pratica no início da década de 1940 uma linha de produção a que juntou uma marca – *J. M. L. Alcobaça*, relativo a João Moura Lourenço que durante algum tempo aí encomendou louça para revenda e, mesmo após esse tempo, o estilo perdurou.

No final da década de 1940, foram vários os artistas que emigraram para o Brasil - José Luís Gonçalves da Silva, José



Fotografia de Paulo Madeira

Varela, Dinis, Luís Salvador, José Almeida e César Taveira. Em Itaipava, no Estado do Rio de Janeiro, existe ainda hoje uma fábrica que prossegue o estilo aí iniciado por Luís Salvador e que levam ainda hoje o seu nome.

Após este aumento de empresas, três fábricas alteram o rumo da sua produção – a *Raul da Bernarda*, a *Olaria de Alcobaça* e a *Elias&Paiva* – abandonando parcialmente a louça que lhes dera fama e proveito. Contudo, as exigências dos mercados internacionais que entretanto surgem no horizonte assim ditam, surgindo grandes encomendas e uma internacionalização da louça de Alcobaça. A *Olaria* de Alcobaça, a partir de 1945, troca o barro dos Capuchos por uma pasta composta feita a partir de barros brancos de Mogofores e Barracão e aposta numa nova imagem, conquistando entretanto o mercado dos países escandinavos, o que vem a acontecer até 1984, quando encerra as suas portas. A *Raul da Bernarda* e a *Elias & Paiva* introduzem entretanto um estilo completamente diferente na sua linha de produção e, a par da louça pintada manualmente, surge um outro género, inspirado nas porcelanas francesas de *Sèvres* e de *Limoges* em que a cor principal é o azul escuro, sendo introduzido o ouro em grande escala. O resultado é de peças com um aspeto muito requintado, de grande delicadeza, as pequenas, e de grande impacto, as maiores.

A *Elias&Paiva*, tal como a *Vestal* atravessam ainda a passagem do século, embora se tenham entretanto extinguido. Das fábricas desta primeira e segunda geração subsiste apenas a *Raul da Bernarda*. Em 1963 é constituída a sociedade por quotas *Raul da Bernarda & Filhos, Lda*, entre Raul da Bernarda e seus filhos Joaquim Augusto Coelho Ferreira da Bernarda, Maria Amélia Coelho da Bernarda Carvalho e Manuel João Coelho da Bernarda. Nes-

se mesmo ano são nomeados gerentes os sócios Raul da Bernarda e seu filho, Joaquim da Bernarda. Os edifícios onde a fábrica se encontra instalada são entretanto comprados pela empresa a D. Maria Cristina Guimarães Rino Pereira de Matos<sup>1</sup>. Em 1968, ano da morte de Raul da Bernarda, a gerência passa a ser partilhada por seus filhos Joaquim e Manuel da Bernarda, sendo que o primeiro se manteve até 1991, quando então, por motivos de saúde a abandona. Joaquim da Bernarda foi grande responsável pelo crescimento da empresa que, dos 51 funcionários em 1959, passa a 195 em 1980<sup>2</sup>. Sob a sua administração, a fábrica atinge elevado índice de produção, para o mercado nacional e estrangeiro. Devido às suas qualidades de gestor, Joaquim da Bernarda vem a ser agraciado, a título póstumo, com a Grã-Cruz da Ordem do Mérito Agrícola e Industrial, a 1 de Março de 1999. A partir de 1989, a gerência vem a ser alternadamente ocupada por Eduardo da Bernarda, António Luís da Bernarda, João Paulo Abreu, Maria Helena da Bernarda<sup>3</sup> e João Pinto Marques. Na viragem do século, Alice Guerra da Silva ocupa um papel indelével na criação de muitas das principais coleções criadas.

Ao longo das décadas, o estilo de louça de pintura manual com decoração floral ou paisagística perdura, existindo ainda hoje em fábricas e pequenos ateliers – exemplo disso é a Salustro e a Faianças Pasco-

al. Contudo, desde a década de sessenta que os fornos de caruma são trocados por outros de nafta, alterando consideravelmente o tom azulado de base da louça.

Na década de sessenta, o jornal *O Alcoa* regista as escrituras de *Faianças J. Barreiro, Lda*; *Alfal, Faianças Artísticas e Decorativas de Alcobaça, Lda*; *Frois, Caetano & Filhos, Lda*; e *Mário Tanqueiro, Lda*. Em 1967, um passo importante é tomado pelas principais empresas cerâmicas do concelho – a criação da *SPAL – Sociedade de Porcelanas de Alcobaça, Lda*, em Valado de Frades, fundada pela *Raul da Bernarda*, pela *Olaria de Alcobaça* e pela *Elias & Paiva* e que se afirma como uma das mais importantes fábricas de porcelana do país.

São as seguintes as empresas cerâmicas nascidas neste concelho na década de 1970 de que encontramos notícia: *Bacer, Empresa Cerâmica de Alcobaça, Lda*; *Iriarte, Faianças de Alcobaça, Lda*; *Faireal, Faianças Regionais de Alcobaça, Lda*; *Aljubal, Fábrica de Faianças, Lda*; *Faianças Neves, Lda*; *Altino do Couto Ribeiro, Lda*; *Fábrica Louças Regionais João Moreira de Sousa*; *Triângulo, Cerâmicas de São Martinho, Lda*; *Porart, Porcelanas Artísticas Portuguesas, Lda*; *Safaril, Cerâmica Artística e Decorativa dos Candeeiros, Lda*; *Silvério Coelho, Lda*; *Louças Nôe, Lda*; *Facerama, Cerâmica Artística e Decorativa da Maiorga, Lda*; *Faianças Neto & Gomes, Lda*; *Vítor Ramos, Porcelanas*

<sup>1</sup>Conservatória do Registo Predial de Alcobaça, Livro das Descrições Prediais

<sup>2</sup>Segundo declarações fiscais anuais da empresa

*Vitriarte*. Grandes esculturas de cães de várias raças em faiança, desde dálmatas a galgos e dobberman representam uma das mais marcantes linhas de produção de uma das fábricas fundadas nesta década e que foram moda de norte a sul do País ainda na década seguinte – a *Faianças Neves*, de José Pereira Neves Afonso, no Cabeço de Deus<sup>4</sup>.

Ao longo da década de 1980 são mais de oitenta os registos de escritura publicados na imprensa escrita local que se passam a enunciar: *Cerâmica Barragem Castelo de Bode, Lda*; *Cerâmicas São Bernardo Lda*; *Fadecol – Faiança Decorativa, Lda*; *Jomazé, Louças Artísticas e Decorativas, Lda*; *Antunes, Ribeiro & Catarino, Lda*; *Campos, Libório & Ferreira, Lda*; *D’Artecincos, Cerâmica e Vidros Decorativos, Lda*; *Faria e Bento, Lda*; *Obrarte, Cerâmica, Lda*; *Perdigoto & Filho, Lda*; *Helpasil – Faianças Decorativas, Lda*; *Faianças D. Dinis, Lda*; *Henriques, Exportadores, Lda*; *João Salvador de Sousa Palma*; *José Alberto Marques Lourenço*; *Abílio Jacinto Luis*; *Faianças Doros*; *Faral, Faianças da Raposeira, Lda*; *José da Silva Elias & Filhos, Lda*; *José dos Santos Bernardes*; *Nocal, Lda*; *Cedela, Cerâmica Decorativa, Lda*; *Faianças Cister, Lda*; *Faianças Neto & Gomes, Lda*; *Faianças São João, Lda*; *FaiOeste, Faianças do Oeste, Lda*; *Loiças Decorativas Eliarte, Lda*; *Maria Judite Almeida Lopes*; *Novalco, Novas Faianças de Alcobaça, Lda*; *Rixanati*; *Sofal, Sociedade*

*de Faianças, Lda*; *Tanqueiro, Faianças D’Arte*; *Tricer, Fábrica de Faiança, Lda*; *Alcofai, Faianças, Lda*; *Artepote Faianças, Lda*; *Artifai, Faianças Artísticas Estrela, Lda*; *Brites & Brites, Lda*; *Carlibrinde, Porcelanas, Lda*; *Carval, Cerâmica Artística Vale de Serra, Lda*; *Cerâmica D.M.L. & Rafael, Lda*; *Faicer, Faianças de Alcobaça, Lda*; *Facerev, Fábrica de Cerâmica de Évora, Lda*; *Favanol, Faianças Vale Novo, Lda*; *Fazenda, Faianças Azenha, Lda*; *Floarte, Indústria e comércio de faianças decorativas de José da Silva Florindo*; *Ifacal, Indústria de faianças do Casal de Areia, Lda*; *Mafercerâmica, Fabrico e Comercialização de Faianças, Lda*.

Na década de 1990, embora menos que no período anterior, continuam a ser criadas empresas desta área no concelho: *Cedevil – Cerâmicas Decorativas do Vimeiro, Lda*; *Manuel Paulino de Mouro*; *Maiorga Cerâmica, Lda*; *Sofcar, Sociedade de Faianças, Lda*; *Sofarte, Faianças Decorativas, Lda*; *Tojeira Faianças, Lda*; *Fadopel, Faianças e Porcelanas, S.A.*; *Laguarte, Faianças, Lda*; *Lamicar, Faianças, Lda*; *Sanarte, Faianças Artísticas, Lda*; *Sociedade de Porcelanas da Boavista Lda*; *Victor e Helena Cerâmicas*; *Arfai, Indústria de Faianças, Lda*; *Vesartis, Cerâmica Artística, Lda*; *Indústrias de Faianças Salustro, Lda*; *Martam/Safaril – Cerâmicas S.A.*; *Sporvil, Sociedade de Porcelanas de Arte, Lda*; *Carlatier, Lda*; *Decalpint, Faianças*; *Olaria Decorativa dos Mangues, Lda*;

<sup>3</sup>Devido ao trabalho levado a cabo na «Raul da Bernarda» e na SPAL-Sociedade de Porcelanas de Alcobaça, Lda, onde ocupa o cargo de Presidente do Conselho de Administração desde a morte de seu pai, em 1996, Maria Helena da Bernarda é condecorada pelo Chefe de Estado, Jorge Sampaio, com a Ordem de Mérito Industrial, no âmbito das cerimónias do Dia Internacional da Mulher, a 8 de Maio de 1999.

<sup>4</sup>Cf. Jorge Pereira de Sampaio, Breves Apontamentos sobre a História da Faiança Regional de Alcobaça in O Alcoa, 4 Março 1993, p. 6.

*Maiorarte, Cerâmica Artística, Lda; Clasant, Cerâmica de Artesanato, Lda; Divacer; Facerpa – Fabricação de Cerâmicas de Pataias, Lda; Isabel Laureano da Silva Delgado Júlio; Nascipinta, Criação Decoração Cerâmica, S.A.; Cecília Santos Bernardes Silvério, Porcelanas CBS; Certur, Cerâmica Artística, Lda; Qüestaart – Cerâmica Artística, Lda; José Rui A. Custódio; Pnd – Cerâmica Unipessoal, Lda.*

Em 2004 abre em Cós a Gonvito e em 2005 a Borboletas de Alcobaça de Madalena Dionísio, em Évora de Alcobaça.

No início do século XXI, a maioria das empresas cerâmicas do concelho fundadas na centúria fazem apenas parte da História. Em 2006, a exposição A Coleção de Cerâmica da Casa-Museu Vieira Natividade e as fábricas do Concelho que teve lugar na Galeria de Exposições Temporárias do Mosteiro de Alcobaça, a par do acervo de faiança antiga da Casa-Museu apresentou uma mostra de todas as empresas do concelho que estavam em laboração naquela data. Entre grandes fábricas e ateliers individuais, houve 24 presenças – *António Rosa – Cerâmicas, Lda; Arfai – Indústria de Faianças, Lda; Borboletas de Alcobaça de Madalena Dionísio; Cerâmicas São Bernardo S. A.; Ceramirupe, Lda; Facerpa – Fabricação de Cerâmica de Pataias, Lda; Faianças D. Dinis, Lda.; Faianças Felizardo, Lda; Faianças Pascoal, Lda; Faianças Ramos, Lda; Faicer – Faianças de Alcobaça, Lda; Faireal – Faianças Regionais de Alcobaça, Lda; Faria & Bento, Lda; Gonvito – Fabrico de Produtos de Cerâmica, Unipessoal, Lda; Herdeiros Miguel Domingos Bailão Cachu-*

*cho; Indústria de Faianças Salustro, Lda; Isabel Laureano da Silva Delgado Júlio; J. M. F. Ferreira & Santos, Lda; Jomazé – Louças Artísticas e Decorativas, Lda; J. Q. Cerâmicas de José Fernando Areias Quitério; Nocal – Faianças de Alcobaça, Lda; Paula Teresa – Azulejaria e Artesanato; Raul da Bernarda & Filhos, Lda; e Silvério Coelho, Lda.*

Ao longo do século vinte, um primeiro tempo é marcado pela Fábrica de Alcobaça de Manuel Ferreira da Bernarda. A partir da criação da Olaria de Alcobaça dá-se uma renovação no estilo até aí produzido nas louças em Alcobaça. Da concorrência salutar que se estabeleceu entre essa fábrica e a Raul da Bernarda, surge um novo género, seguido pelas novas fábricas criadas pelos antigos funcionários destas duas. Após a Grande Guerra, têm início as exportações. Novo período surge pelo grande impulso criado pelos fundos comunitários, ao longo da década de oitenta, em que o concelho de Alcobaça se assume como o principal centro cerâmico do País.

Em 2013, Alcobaça vê surgir o seu Museu de Cerâmica, a partir de mais de mil peças da Coleção de Maria do Céu e Luís Pereira de Sampaio, apresentado em cinco línguas, prestando o serviço público de mostrar a produção cerâmica de mais de um século nesta região. A Cerâmica constituiu, ao longo do século vinte, um dos principais sectores da indústria que mais movimentou a economia desta região, ao mesmo tempo que criou imagem de marca, em Portugal e no Mundo.

## XADREZ ( NA BENEDITA) NO EXTERNATO COOPERATIVO BENEDITA UMA REFERÊNCIA NACIONAL

José Cavadas

Professor de Biologia de Externato Cooperativo da Benedita

**O Externato Cooperativo da Benedita faz este ano 50 anos. Por isso é justo que se faça uma pequena homenagem a uma instituição que contribuiu para “abandar” o xadrez escolar e federado no distrito de Leiria, e possivelmente a nível Nacional com os Encontros Nacionais Escolares e os seus Torneios Abertos de Semi-rápidas e FIDE (clássicas).**

### **O (re) nascimento do Xadrez na Benedita**

No ano letivo de 1993/1994, lecionei a Turma 10º B de Desporto (eis alguns alunos da turma: José Vinagre; Dino Pedras; Rita Raimundo, Ângela Gens, etc) e lancei o repto de se realizar o I Torneio de Xadrez do Externato Cooperativo da Benedita, o qual foi aceite, tendo participado jogadores de vários clubes a nível Nacional, incluindo, claro, o Núcleo Xadrez da Benedita. A nível de Clubes foi ganho pelo Sporting Clube de Portugal e a nível individual foi ganho por Carlos Carneiro (Camarate). Este torneio foi o ponto de arranque do Xadrez do Externato, como clube Escolar e Federado (Núcleo Xadrez da Benedita).

Nesse mesmo ano, o xadrez arrancou

nas Escolas Primárias da Benedita e Casal da Coita, onde tiveram acesso à modalidade 85 alunos do primeiro ciclo.



Claro que este projeto teve o apoio incondicional do Dr. Gonçalves Sapinho, que era o Diretor Pedagógico do ECB.

Nessa mesma época, participámos com os fundadores (Professores e alunos) no Campeonato Nacional de Equipas (José Cavadas; José Saramago, Luís Belo, Carlos Norte; Acácio Castelhana, todos professores do ECB, e o aluno Paulo Lopes).

A Benedita começou então a ser conhecida pelo Xadrez e dinamismo (pela sua

atividade).

No ano seguinte, 1994, realizou-se a I Supertaça de Portugal, no Externato Cooperativo da Benedita, onde estiveram a equipa Campeã Nacional (Boavista FC) e a Equipa vencedora da Taça (Portugal Telecom). Paralelamente, realizou-se a II edição do Torneio do ECB.

O Boavista FC apresentou a seguinte constituição: Luís Galego (2460 - MI); António Fróis (2475 - MI); Fernando Silva (2390 - MI); Pedro Parcerias (2265 - MI). A Equipa Portugal Telecom foi constituída por: Nelson Ferreira (MI); António Nobre (2100); João Abrantes (1980); J. Martins (1995) e Rui Agostinho (1660). Esta prova realizou-se em duas voltas e o Boavista venceu 7,5 - 0,5. A arbitragem foi de Carlos Oliveira Dias.

A partida que se segue é a que deu o meio ponto à Telecom, entre António Fróis e António Nobre.

### Fróis, António (2475) - Nobre, António (2100) [C40]

I Supertaça Portugal (2.2), 27.11.1994  
[Cavadas, José]

1.e4 e5 2.Cf3 f5 3.Bc4 Cf6 4.Cg5 d5 5.exd5 Bc5 6.0-0 Cg4 7.d4 Bxd4 8.h3 f4 9.Cf3 Cxf2 10.De2 Cxh3+ 11.Rh2 Cf2 12.Cxd4 Cg4+ 13.Rg1 0-0 14.Cf3 Tf5 15.Cc3 Df6 16.d6+ Rh8 17.Ce4 Dh6 18.Cf2 Th5 19.Ch3 Cc6 20.Bxf4 Dxd6 21.Cfg5 Dc5+ 22.Be3 Cxe3 23.Cf7+ Rg8 24.Ch6+ Rh8 25.Tf8+? [25.Dxh5 era melhor] 25...Dxf8 26.Cf7+ Rg8 27.Dxe3 Bxh3 28.gxh3 Db4

Diagrama



29.Ch6+ [29.Cxe5+ Rh8 30.Cf7+ Rg8 31.Cd8+ Td5 32.Bxd5+ Rf8 33.Tf1+ Df4 34.Txf4#] ½-½

Nesse mesmo ano, o Xadrez entrou oficialmente no Desporto Escolar.

Pressuponho que tenha sido o primeiro, ou um dos primeiros, Centro de Formação Desportiva do País na modalidade de Xadrez, sob proposta do próprio Ministério da Educação.

Participámos em todas as edições dos Jogos de Lisboa, mais precisamente nos Intermunicípios, com o número máximo de equipas permitido pela organização, ou seja, quatro equipas de 10 jovens jogadores. Alcobaça esteve representada só com jovens jogadores da Benedita. Íamos numa camioneta paga pelos participantes e acompanhantes. Era uma grande festa do Xadrez. Muitos destes jovens tiveram o



privilégio de ver os Campeões do Mundo de Xadrez.

A visibilidade do nosso projeto: “Xadrez na Benedita” era tão apreciado a nível Nacional que a organização dos jogos de Lisboa E Seixal convidaram um jovem do nosso concelho para jogar com o Campeão do Mundo numa simultânea dada pelo mesmo. Assim, João Prioste, então com 12 anos, jogou com Karpov. Pedro Rodrigues, com 11 anos, jogou com Anand.

Foram anos inesquecíveis e marcantes, de tal forma que ainda hoje os jovens falam destas histórias.

Voltando ao Xadrez Escolar, cresceu a

nível da Freguesia da Benedita. Todas as Escolas da Freguesia tinham xadrez.

Com este *boom* organizaram-se várias provas do Desporto Escolar, Fase Local (Individual e Equipas) e Regional (Individual e Equipas). Em 2000, fui convidado para integrar a Direção da Federação Portuguesa de Xadrez e fiquei responsável pelo Xadrez Escolar.

Uma das propostas foi a realização do Campeonato Nacional Xadrez Individual e Equipas. Nome que foi alterado para Encontro Nacional de Escolas Individual e Equipas. Foi uma pedra no charco, já que o Xadrez no Desporto Escolar não estava

no Grupo 1 (com quadro competitivo Nacional), mas sim no Grupo 2 (Sem quadro competitivo Nacional).

Estas competições foram realizadas durante 11 edições com centenas de alunos participantes de Norte a Sul do país.

Numa das edições, mais precisamente na IV Edição do Encontro Nacional de Equipas, juntámos na Cave do Centro Cultural Gonçalves Sapinho 123 Equipas, cerca de 520 alunos de Norte a Sul do País.

Sempre defendi que o Xadrez Escolar tem de estar de mãos dadas com o Federado. O Federado pode existir ou não na escola, mas devem estar unidos para haver opção do jovem atleta progredir na modalidade. E isto foi conseguido ao longo destes anos todos.

Voltemos ao Xadrez Federado. Durante estes anos todos, a Benedita teve muitos Campeões distritais absolutos e Femininos em todos os escalões etários, quer jovem quer sénior.

O Núcleo Xadrez Benedita era a referência Federada. Mas, para além do NXB, houve, durante estes anos, vários clubes federados também escolares, eis alguns exemplos: Escola Primária Benedita, Escola Primária Freires, Escola Primária Ribafria, Escola B2 Benedita. E não escolares, Centro Paroquial Benedita, ABCD (muito antes de 1993), Grupo Desportivo Candeeiros.

O Doutor Sapinho solicitou na altura que o nome do clube fosse alterado para Núcleo Xadrez do Externato Cooperativo da Benedita.

O NXECB tinha a sua sede na Cave do

Pavilhão. Participámos como equipa nos Campeonatos distritais, Campeonatos Nacionais Equipas da III Divisões e II Divisão e Taça de Portugal. Numa das épocas chegámos a ter duas equipas a disputar a o Campeonato Nacional da III Divisão.

Uma pequena história sobre o Campeonato Nacional de Equipas da III Divisão que se disputou toda em Aveiro. A Equipa na altura era: Júlio Flores; Guilherme Gaboleiro; José Cavadas e faltava um jogador, pelo que tínhamos duas opções para o nosso quarto tabuleiro, dois jovens com 11/12 anos, João Prioste e Samuel Henriques. A decisão era alternar os dois jovens. A questão que se levantou na altura foi: Quem era o primeiro escolhido? O João era o mais seguro como jogador e foi ao primeiro encontro. Tendo vencido. Ou seja, o João não saiu do 4º Tabuleiro. Nesse mesmo ano, havia prémios para os melhores tabuleiros da III divisão. Júlio Flores e eu ganhámos o prémio de segundo e terceiro respetivamente e o João Prioste foi o segundo melhor, com os mesmos pontos do vencedor.

Aos 17 anos, João Prioste foi Campeão Distrital Absoluto (Sénior) de Leiria.

### **O aparecimento do Vladimir Melnik.**

Este jovem ucraniano, hoje já formado e a viver na Ucrânia, aparece no Externato com 12 anos e com “sede” de xadrez. À terça-feira era o nosso dia de treino porque saía no jornal “A Capital” uma página de Xadrez. E o nosso treino era analisar as partidas do jornal. Nessa página, algu-

mas vezes escrevia-se o nome Benedita, Externato Cooperativo da Benedita, devindo à nossa atividade.

Mas voltemos ao Vladimir: era um aluno muito empenhado, mas tinha um problema, a sua visão era praticamente inexistente. Mas a sua força de vontade era imensa. Um dia disse-me: “ Quero ser Campeão Nacional de Jogos Matemáticos, no jogo dos Peões.” Treinámos, treinámos o jogo. Foi Campeão Nacional e trouxe para casa um computador que, claro está, era sobretudo para treinar xadrez.

**Pedro Rodrigues** – Um jovem com grande carácter. Desde sempre foi um dos melhores xadrezistas Nacionais. No escalão Sub10, ficou em 3º no Nacional de Jovens. Mas, no escalão Sub18, foi Campeão Nacional Semirrápidas que se disputou no Barreiro. Ainda hoje, adulto, está federado e compete. Uma referência a nível Distrital e Nacional.

**Francisco Cavadas** – Uma outra referência a nível Nacional, chegou a estar no TOP 10 nos vários escalões por onde passou. Desde os Sub08, 10, 12, 14,16 e Sub18 teve sempre títulos distritais. No mesmo ano que o Pedro, obteve o título de Campeão Nacional Sub08 de ritmo semirrápido. Chegou a ganhar vários torneios abertos, entre eles o de Abrantes.

No desporto Escolar tem ganho muitos torneios e ficou apurado para o Nacional do Desporto Escolar. Venceu vários circuitos de Xadrez OESTE.

Levou o nome da Benedita a várias

competições Internacionais ( Dois Campeonatos da União Europeia (Mureck - Austria), um campeonato Europeu (Praga), várias participações no Peon de Ouro – Mondariz (Espanha) e Barcelona (Open Sants).

**Rui Lopes** – A nível competitivo não se destacou, mas como árbitro foi uma referência a nível distrital. É atualmente o Presidente do Conselho de Arbitragem da Associação Xadrez de Leiria.

Havia muitos outros, Carlos Vinagre Martins, Bruno Machado, Tiago Ferreira, Gil Anselmo, etc.

O meu muito Obrigado.

### **Xadrez no Feminino**

Há quatro jogadoras que, ao longo destes anos, marcaram o Xadrez na Benedita. Foram elas : Joana Anselmo, Mariana Silva, Lídia Ferreira, Constança Rodrigues.

Comecemos pela **Joana Anselmo** , que foi campeã distrital Feminina Sub12 e chegou a ficar em 6º no Campeonato Nacional Feminino. A nível das competições Escolares teve resultados muito interessantes.

**Mariana Silva** – Foi a melhor jogadora até ao momento que a Benedita teve. Para além de ter títulos distritais Femininos absolutos, participou, por mérito próprio, no Campeonato da União Europeia onde fez uma boa prestação, ficou em 6º Feminino. A sua última partida, com a campeã Es-

panhola, nesta competição está analisada no Jornal “A Capital”. Foi durante vários anos um excelente 4º tabuleiro da Academia Xadrez da Benedita.

Vejamos a partida que saiu na “Capital”, no dia 2 dezembro de 2003, e que foi analisada pelo Luís Santos.

Nos Sub-12 femininos, Mariana Silva alcançou o sexto lugar ao vencer a Campeã Espanhola de forma inacreditavelmente fácil na derradeira jornada:

### **Guadamuro, Anabel - Silva, Mariana [C27]**

Camp. União Europeia Sub12 Fem, 2003

1.e4 e5 2.Bc4 Cf6 3.d3 h6 4.Cc3 Bc5 5.f4 d6 6.h3?! Cc6 7.a3 Be6 8.Ba2 Ch7 9.Ca4??

Diagrama



[9.Cf3] 9...Bd4? [9...Dh4+ 10.g3 Dxc3+ 11.Rd2 De3+ 12.Rc3 Bd4#] 10.Bxe6?? Dh4+ 11.Rd2 Dxf4+ 0-1

A Mariana jogou o último Campeonato Nacional jovem Sub10 (até aos 9 anos) Feminino em Silves, onde, nesse mesmo campeonato, participou outra jovem Beneditense, Mónica Fialho. Na última ronda jogam as duas para o possível título Campeã Nacional. O empate entre ambas ficavam as duas no pódio em 2º e 3º lugar. A Mariana ganha e tem de jogar um match de desempate para definir se é campeã contra uma jovem da Associação do Porto, Catarina Costa. A pouca experiência de Mariana levou-a à derrota.

Ao longo dos vários Campeonatos Nacionais, a rivalidade saudável entre Mariana e a Catarina existiu sempre. A Mariana chegou a ser Campeã Feminina Sub12 e Sub18 em ritmo clássico.

Numa Competição Absoluta Feminina, que foi jogada em Évora, a jovem Sub16, Mariana, ficou em 4º lugar entre duas dezenas de jogadoras.

**Lídia Ferreira** - É uma jovem lutadora, chegou a ser Campeã Feminina Distrital e participou em vários Campeonatos Nacionais de jovens. Nas competições escolares (Encontros Nacionais e locais) ficava sempre nos primeiros lugares, muitas vezes em pódios Femininos.

**Constança Rodrigues** - É a referência atual. Começou a jogar com 6 anos, foi descoberta no Desporto Escolar. Ago-

ra está no escalão Sub14. No seu percurso foi várias vezes Campeã Distrital Jovem Absoluta e Feminina. Foi a última Campeã Distrital Feminina Absoluta. Em 2013/2014, foi Vice Campeã Feminina Nacional em ritmo clássico no escalão Sub12.

### **Provas que o Externato realizou:**

- Torneio Externato Cooperativo Benedita (21 edições)
- Três Campeonatos Nacionais de Jovens por escalões (2004 e 2009 e 2012).
- 11 edições dos Encontros Nacionais de Escolas Equipas e Individuais). A última foi ganha por Francisco Cavadas (Externato Coop Benedita). O Externato por equipas ganhou a 1º edição (João Prioste, Carlos Vinagre; Samuel Henriques; Bruno Machado).

A nível Feminino – Mariana Silva e Lídia Ferreira destacaram-se por terem sido Campeãs Feminina e Vice-Campeã.

Constança Rodrigues – actualmente frequente o 7º ano no Externato Cooperativo da Benedita e já tem no seu curriculum desportivo vários títulos distritais absoluto e feminino. Vice Campeã Nacional Feminina. Uma referência a nível distrital e Nacional.

Numa das edições do Encontro Nacional de Equipas juntámos 520 alunos de Norte a Sul. A Cave do Centro Cultural Gonçalves Sapinho estava completamente cheia de jovens de norte a Sul do País. Foram grandes Festas de Xadrez Jovem.

- Campeonato Nacional Absoluto de Semi-

rápidas (1998).

- Campeonatos Nacionais de Jovens Semi-rápidas (2004; 2009)
- Campeonato Nacional de Jovens Rápidas (2012)
- Campeonato Nacional de Equipas (II e III Divisões) – Concentrado de duas séries (2014 e 2015).
- Cinco Edições do Torneio FIDE Externato Cooperativo da Benedita.
- Dezenas de Campeonatos Distritais jovens, Absolutos.
- Formação de Professores
- Estágios de jovens com a colaboração da FPX e Associação de Xadrez de Leiria.
- Torneios Internos.

O Núcleo de Xadrez do Externato Cooperativo da Benedita foi reconhecido em 2001 pelo IPJ, pelo seu trabalho e intervenção em prole do Desporto Juvenil - Projecto “ Jovens no Desporto – Um Pódio para Todos”.

A Benedita foi e é conhecida a nível Nacional e a nível Internacional pelo Xadrez (ao nível Escolar e Federado).

Muito Obrigado aos pais e a todos que fizeram e contribuíram para a História do Xadrez!

Em próximas edições continuarei a falar mais no Desporto Escolar e Federado, mas nos acontecimentos mais recentes.



## IMPROVISOS SOBRE O LEGADO CISTERCIENSE E A FUNDAÇÃO DO ECB OU A TAUTOLÓGICA EVIDÊNCIA DE QUE SOMOS NÓS E A NOSSA CIRCUNSTÂNCIA

Deolinda Castelhana

Professora de Filosofia do Externato Cooperativo da Benedita

*(...) o homem sonha, a obra nasce.*

F. Pessoa

Esta é uma terra antiga. Tão antiga que a sua história se perde na neblina dos tempos. Por isso é uma terra de lendas, de estórias e história. Por aqui andaram visigodos e mouros e, antes deles, outros povos e depois outros. Esta foi depois terra de monges. E todos partiram, ficando um pouco. Porque não se apaga de todo uma presença, um estar-aqui, um ser-aqui. Vão-se e ficam no que deixam. Uma marca indelével, um lugar que já é outro, que se constrói e se desconstrói a partir do que vai sendo. Porque o espaço é esta habitação do humano, sonhado, pensado, criado, casa de gentes e para as gentes.

Aqui chegou há mais de oito séculos, o filho do conde borgonhês, o do condado portugalense, Afonso Henriques, que aspirava a um reino consolidado e não a um ducado, nem que para isso tivesse de fazer figura de mau filho. Reza a lenda (mais uma) que cavalgando e conquistando tudo o que encontrou pelo caminho, aqui chegou e, deitando o olho guloso às riquezas destas terras (e ao mar aqui tão perto), expulsou quem mandava e marcou-as como suas. Mas na lógica ancestral de todo o

rei que se preze, não basta conquistar, é preciso povoar e organizar o território. Pragmático, como deve ser um líder, confia estas terras aos monges cistercienses em diáspora pela Europa, já instalados em Tarouca, conhecedores não só das coisas do sagrado mas também do profano. Usam um lema assertivo e adequado, com provas dadas - *Ora et labora* - que agrada ao rei. Instalaram-se então os discípulos de Bernardo de Claraval, a quem já se presentia um lugar no panteão dos santos. Oraram e laboraram, laboraram e oraram. E como o espaço humano do divino deve ter a dignidade que ao sagrado é devido, o Mosteiro foi sendo majestosamente edificado com arte e técnica, sua igreja com planta de cruz latina, nobre decoro, bela na sua simplicidade, esmagadora na harmonia das formas. Espaço onde o humano e o divino se encontram. Espaço onde impera o poder sobre os coutos. Ora et labora – divisa de monges agricultores, peritos em hidráulica e outras artes. Oram no Mosteiro, laboram nas terras e mudam a geografia dos lugares. Em observância à Beneditina regra, do ascetismo, do rigor

litúrgico e do trabalho como valores basilares, os frades consolidam o poder da ordem e do reino e transformam o território.

A criação de escolas públicas para instruir os monges, também aberta a alunos externos, a criação de escolas agrícolas espalhadas pelos coutos, a intensa atividade do *scriptorium*, a (lendária) biblioteca e, mais tarde, a criação de uma tipografia própria, fizeram do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça também um importante polo do saber da cristandade.

Por aqui passaram reis. Aqui jazem reis. Aqui se criaram mitos. De amor, entre outros. Aqui estão para sempre, frente a frente, os régios amantes, Pedro cruíssimo e linda Inês (finalmente) posta em sossego. Os magníficos túmulos ali estão, imponentes, sublimes, belos (apesar da turba francesa), eternizando o mito trágico da paixão.

Personagens secundárias, as gentes dos coutos, são os heróis anónimos destes domínios. Deles não reza tanto a história, mas mais as estórias, porque deles não era o poder, nem as coisas de Deus, mas o árduo labor, fadário de quem tudo faz e nada pode. É sempre assim. Por isso, Brecht, atento às coisas do mundo e dos homens, pergunta quem construiu Tebas de sete portas, constata que nos livros estão os nomes dos reis e volta a perguntar se foram eles que arrastaram os blocos de pedra. Não, não foram os reis que carregaram as pedras.

Porém, aqui, alguns monges carregaram pedras (porque também eles não eram iguais), construíram presas e leva-

das, cultivaram terras e ensinaram essas artes aos colonos que tornaram a terra fértil. Outros, ainda, dedicaram-se à inquietante indagação sobre o sentido das coisas do espírito e do mundo, à *tecné*, e através deles, o saber recriou a realidade e transformou-a.

Esta inquietude, este espírito de fazer face às adversidades, de não cruzar os braços, entranhou-se. Também os monges partiram. As portas do Mosteiro abriram-se e o povo viu então, pela primeira vez, uma centelha do divino naquelas pedras tornadas arte. Mas, tal como todos antes deles, os monges não se foram de vez. O seu legado ficou, herança que se colou à terra e às gentes. Nós somos nós e nossa circunstância, disse Ortega y Gasset. “Circunstância”, do latim *circumstantia*, *-ae*, “ação de cercar, situação, particularidade”. Esta particularidade que nos cercou, que nos cerca, de laborar, de aguçar o engenho e a arte, fez de nós o que somos e o que vamos sendo, numa invenção constante. *Ad Arbitrium*.

E nas terras do sul, no limite dos coutos, *Benedicta*, Benedita (terra bendita, segundo uns, ou talvez porque beneditina era a Regra), pobre em agricultura, parca de cursos de água, o povo ora e labora, e (re) inventa-se no artesanato, no comércio, na pecuária, e (quem diria?)... no ensino.

Não é por acaso (porque nada é por acaso) que nos idos sessenta do século passado, chegou a esta terra dos antigos coutos, uma vasta equipa disposta a implementar uma experiência piloto de

desenvolvimento comunitário que a população acolheu, lançando mãos à obra, recriando-se enquanto comunidade, num esforço coletivo, arriscando novas práticas, tomando as rédeas do seu destino, apesar dos ventos bafientos e da liberdade adiada. Descrevendo a vida de antanho, autor cujo nome não me ocorre, escreveu que somos todos filhos de monges. Quem sabe? Talvez seja essa herança cisterciense destas gentes. Face às adversidades, os povos dos domínios do Mosteiro empreenderam novos desafios, ensaiaram novos projetos e aventuram-se na concretização de novos sonhos. Tal como os antigos monges, movidos por uma inelutável determinação, alteram o espaço e mudam o curso da fortuna.

Foi com esse espírito que os artesãos se juntaram e, das antigas oficinas artesanais, nasceram empresas industriais, mecanizadas, modernas e competitivas.

Mas os homens e as mulheres da Benedita não queriam só empresas modernas. Também queriam uma escola. Queriam um futuro melhor para os filhos. E sabiam que esse futuro sonhado só podia existir com uma escola. Por isso, a escola foi criada. A escola sonhada. A escola que nasceu da vontade da comunidade. As mulheres e os homens, os pais e as mães, fizeram a escola para os filhos e para todos os filhos das gerações seguintes. E assim nasceu o Externato Cooperativo da Benedita (ECB), numa antiga oficina de cutelaria promovida à nobre função de instituição de ensino. Em 12 de outubro de 1964, segundo aos anais e a memória. Com parques re-

curso mas com uma vontade imensa de seguir em frente e ultrapassar obstáculos, homens determinados criaram os alicerces de uma obra ímpar, uma cooperativa de ensino e cultura, encetando a construção de uma instituição por onde, passados cinquenta anos, passaram milhares de alunos e centenas de professores e funcionários. E a escola mudou as pessoas e o lugar.

Esta obra em permanente transformação, que é o ECB, é o legado dos cooperantes fundadores, desses visionários que tiveram um sonho e que lutaram para que se tornasse realidade. Como há cinquenta anos, muitas são as adversidades e os constrangimentos que se colocam. Como no passado, há que encontrar soluções, não esquecendo o humaníssimo labor que lhe subjaz – espaço de ensino e de aprendizagem, de valores e de cultura.

Vem ser aquilo que queres ser, desafia o novíssimo hino que celebra o quinquagenário neste ano da graça de 2015.

Esta é, porventura, nossa herança cisterciense.



www.karnataka.gov.in



www.kvafsu.org

50